



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

## **A VIDA COMO ELA É PELO OLHAR DO OUTRO: UM ESTUDO DA ESCRITA BIOGRÁFICA SOBRE NELSON RODRIGUES POR SEUS FAMILIARES**



## **LIFE AS IT IS FROM THE OTHER'S VIEW: A STUDY OF BIOGRAPHICAL WRITING ON NELSON RODRIGUES BY HIS RELATIVES**

CAROLINA MONTEBELO BARCELOS  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 17/01/2019 • APROVADO EM 25/03/2020

---

### **Abstract**

---

Nelson Rodrigues managed to turn himself into a character because of polemics brought about by his works and due to his catchy phrases and his relationships with the oral and written press. Although there are biographies about the writer, he has not been an object of the biographical boom that we have seen in literature, theatre, cinema and television, when compared to writers such as Euclides da Cunha and Vinícius de Moraes. However, he is the object of a journalistic biography by Ruy Castro, of a fictionalized biography by Adriana Armony and of critical works by Victor Hugo Adler Pereira and by Carlos Vogt and Berta Waldman, besides two other biographies written by his relatives. Therefore, the aim of this article is to investigate the different ways in which Nelson's sister, Stella Rodrigues, in *Nelson Rodrigues, meu irmão*, and his daughter, Sonia Rodrigues, in *Amor em segredo: as histórias infieis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues*, try to outline and reflect on the writer and what he represented not necessarily to the Brazilian culture, but in their

lives. In this respect, they are, thus, biographies with autobiographical elements, analyzed, here, in the light of theorists of biographical writings such as Philippe Lejeune e Pierre Bourdieu.

---

### Resumo

---

Nelson Rodrigues logrou fazer de si mesmo um personagem pela polêmica que sua obra causava e em decorrência das frases de efeito e da sua relação com a imprensa escrita e oral. Embora haja biografias sobre o escritor, ele não foi objeto da expansão biográfica que vemos na literatura, teatro, cinema e televisão, se comparado a autores como Euclides da Cunha e Vinícius de Moraes. No entanto, ele é objeto de biografia jornalística de Ruy Castro, da biografia ficcionalizada de Adriana Armony, e dos trabalhos críticos de Victor Hugo Adler Pereira e de Carlos Vogt e Berta Waldman, além de duas outras biografias escritas por familiares seus. O objetivo deste artigo é, portanto, investigar as diferentes formas pelas quais a irmã de Nelson, Stella Rodrigues, em *Nelson Rodrigues, meu irmão*, e sua filha, Sonia Rodrigues, em *Amor em segredo: as histórias infieis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues*, procuram esboçar e refletir sobre o escritor e o que ele representou não necessariamente para a cultura brasileira, mas nas vidas delas. Nesse sentido, trata-se, portanto, de biografias com elementos autobiográficos, analisadas, aqui, à luz de teóricos da escrita biográfica como Philippe Lejeune e Pierre Bourdieu.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Nelson Rodrigues; biography; autobiography.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nelson Rodrigues; biografia; autobiografia.

---

### Texto integral

---

#### Introdução

A obra de Nelson Rodrigues vem sendo constantemente pesquisada nos meios acadêmicos, publicada em coleções de algumas editoras, encenada e filmada para o cinema e para a televisão e, sua vida, tem sido objeto de algumas biografias.

Se, por um lado, Nelson Rodrigues logrou fazer de si mesmo um personagem, não só devido à polêmica que sua obra causava, como também em decorrência das frases de efeito e da sua relação com a imprensa escrita e oral, por outro, ele não tem sido exaustivamente explorado pela expansão biográfica que vemos eclodir nas diversas manifestações culturais e midiáticas no Brasil. Embora tenham sido publicadas algumas escritas biográficas sobre o dramaturgo, cronista e romancista, isto pode não significar muito se considerarmos produções sobre escritores como Euclides da Cunha, biografado tanto em livros como no teatro e em minissérie televisiva, ou Vinícius de Moraes, objeto de livros e documentário fílmico.

A única biografia de Nelson Rodrigues que teve um grande impacto no mercado editorial brasileiro foi **O Anjo Pornográfico** (CASTRO, 1992), escrita pelo jornalista Ruy Castro em 1992. Neste livro, o biógrafo de Nelson procura narrar, seguindo uma ordem cronológica, toda a trajetória de sua vida, desde seu

nascimento até sua morte. Não se trata de uma biografia crítica, como o próprio Ruy Castro assinala na introdução do livro, ou seja, não há uma preocupação em analisar criticamente a obra de Nelson, como o faz Carlos Vogt e Berta Waldman em *Nelson Rodrigues* (VOGT; WALDMAN, 1985), publicação da coleção Encanto Radical, da editora Brasiliense. Nesta breve biografia, os autores contextualizam tanto o biografado quanto sua obra, especialmente o teatro, no seu espectro histórico, relacionam passagens da vida de Nelson com seus personagens, citam diversas opiniões contrárias de contemporâneos de Nelson sobre ele e sua obra, além de dedicarem um capítulo à análise de *Vestido de Noiva*, considerada pela historiografia do teatro como a peça inaugural do teatro moderno brasileiro.

Dois outros livros de natureza biográfica, **A musa carrancuda** (ADLER, 1998) e **A fome de Nelson** (ARMONY, 2005), apresentam Nelson Rodrigues como personagem principal. Neste último, Adriana Armony faz um recorte na biografia de Nelson, mesclando fatos de sua passagem pelo Sanatorinho durante sua juventude com ficção, através de um narrador dostoievskiano. Trata-se, portanto, de uma biografia ficcionalizada, diferente daquela realizada por Victor Hugo Adler Pereira, cujo objetivo é analisar a relação do dramaturgo com a intelectualidade brasileira da década de 40 e com o Estado Novo, além de refletir acerca da significação e dos efeitos que as falas e as peças de Nelson, no decorrer de duas ditaduras, tiveram para a história da nossa cultura.

Ao passo que todas as biografias mencionadas anteriormente foram escritas por estudiosos da obra de Nelson, duas outras chamam atenção por terem sido escritas por familiares: **Nelson Rodrigues, meu irmão** (RODRIGUES, 1986) e **Amor em segredo: as histórias infiéis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues** (RODRIGUES, 2005). Este estudo tem, portanto, o objetivo de investigar as diferentes formas pelas quais Stella Rodrigues e Sonia Rodrigues procuram esboçar e refletir sobre a vida de Nelson Rodrigues e o que ele representou não apenas para a cultura brasileira, mas nas vidas das duas escritoras. Nesse sentido, trata-se de biografias com elementos autobiográficos.

A escolha pelos dois livros em questão se deu não apenas por se tratarem de escritoras familiares de Nelson, mas por terem características distintas, uma vez que em *Nelson Rodrigues, meu irmão*, Stella Rodrigues demonstra um entusiasmo permanente pelo irmão, procurando sempre ressaltar em sua narrativa as qualidades e virtudes do biografado, muitas vezes de forma passional. Já em *Amor em segredo: as histórias infiéis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues*, Sonia Rodrigues oscila entre admiração e críticas ao pai ao refletir sobre sua própria vida. Desta forma, *Amor em segredo* não é exatamente uma biografia de Nelson Rodrigues, mas um livro de memórias da autora que mistura elementos autobiográficos com reflexões acerca de sua própria vida e da vida no pai, pelo menos no que diz respeito a como a obra e a trajetória de Nelson Rodrigues e sua relação com ele repercutiram em sua vida.

### **Nelson Rodrigues, meu irmão**

Stella Rodrigues escreveu **Nelson Rodrigues, meu irmão** em 1986, seis anos após a morte do biografado. Embora não haja na biografia uma nota inicial ou um prefácio onde a autora explique o porquê do seu desejo em escrever o livro, como o faz muitos biógrafos, o fato dela ser irmã do biografado já nos permite chegar a uma conclusão inicial: o desejo de dar seu próprio depoimento sobre o irmão famoso.

No entanto, ao lermos os capítulos sobre Nelson Rodrigues já na fase adulta, é possível observar o intuito da autora em mostrar a importância que exerceu na vida do irmão, principalmente nos diversos momentos em que esteve doente: “Foi Stella e não Helena Maria<sup>1</sup>, quem o acompanhou na casa de saúde, sofrendo todo o drama de um pós-operatório tumultuado.” (RODRIGUES, 1986, p. 88). Tendo seguido de perto o irmão em vários momentos de doença e de ter, inclusive, morado em sua casa durante alguns anos, a autora mostra seu profundo descontentamento com a cunhada e o sobrinho ao ser impelida a deixar a casa do irmão. Neste momento, Stella Rodrigues dedica um capítulo à descrição de um sonho que teve com o falecido irmão Roberto onde, entre outras coisas, ele dizia: “Elza, você e seu filho Nelsinho estão provocando em Nelson um trauma, talvez fatal. Lembrem-se do que Nelson disse a Stella, há cerca de um mês: ‘Não agüento me separar de você, Stella. Por favor, fique.’” (RODRIGUES, 1986, p. 229).

Embora a importância que a autora se atribui na vida do irmão fique mais evidente nas passagens em que relata como ajudou a tratar todas as enfermidades de Nelson, enfermidades estas ricamente detalhadas em vários capítulos, ela pode ser observada também no que diz respeito a como Nelson respeitava sua opinião: “Todas as noites Stella acompanhava Nelson ao teatro e como várias pessoas vinham dizer ao dramaturgo que os artistas vinham introduzindo cacôs, ele pedia o testemunho da irmã” (RODRIGUES, 1986, p. 102). Por outro lado, não há, em todo o livro, qualquer crítica analítica feita pela autora à obra teatral, às crônicas ou romances do biografado.

**Nelson Rodrigues, meu irmão** apresenta-se como uma biografia de Nelson Rodrigues. No entanto, elementos autobiográficos podem ser percebidos no decorrer de todo o livro e não apenas quando a autora procura mostrar seu companheirismo com o irmão. Ao escrever um capítulo sobre a morte do irmão Roberto, a autora dedica algumas passagens ao relato de como recebeu a notícia do falecimento e como reagiu a ela: “Quanto a Stella, sentia cada vez com mais intensidade uma sensação crucial de perda” (RODRIGUES, 1986, p. 33).

Conforme pode ser observado, em todos os momentos em que remete a si no texto, Stella Rodrigues utiliza a terceira pessoa. Há, no entanto, passagens em que a autora utiliza aspas duplas como se citasse a si mesma, em uma tentativa de presentificar seus pensamentos: “ ‘A situação está ficando insuportável para mim. Elza quer me afastar de Nelson. Usa todos os meios para conseguir seu objetivo. Mas Nelson precisa de mim. E, apesar de tudo, ainda sou um freio para os dramas familiares’, pensou Stella” (RODRIGUES, 1986, p. 182). Esta passagem também ilustra um outro dado autobiográfico da autora: a relação conflituosa que sempre teve com a cunhada Elza. Da metade do livro até o final, há vários capítulos em que a autora descreve os maus tratos que sofreu da cunhada: “O Isordil resolveu o problema da dor, mas ficava-lhe uma sensação de tristeza, de mágoa sem remédio. Através da convivência com a cunhada, após insultos, que não retribuía, Stella sofria

demais justamente porque não reagia” (RODRIGUES, 1986, p. 148). E ainda: “Elza levantou-se da mesa e elevou a voz para Stella: Você é o urubu da minha vida.” (RODRIGUES, 1986, p. 184). Pode-se afirmar, portanto, que, muitas vezes no decorrer do livro, o foco se volta para a biógrafa. Embora o biografado seja sempre mencionado, a autora o faz para justificar sua falta de reação aos insultos da cunhada, pois “não queria ferir a tranqüilidade de Nelson” (RODRIGUES, 1986, p. 184).

O recurso da narrativa de si em terceira pessoa que Stella Rodrigues utiliza gera, conforme Philippe Lejeune observa, uma sensação de artificialidade. No que se refere à construção autobiográfica, haveria, para Lejeune, uma identidade entre autor, narrador e personagem, expressada através do que ele chamou de *pacto autobiográfico*<sup>2</sup> estabelecido com o leitor e que “pressupõe uma intenção de comunicação imediata ou a longo prazo<sup>3</sup>” (LEJEUNE, 2003, p. 20). A partir de sua definição de autobiografia “[...]a narrativa retrospectiva em prosa que um indivíduo faz de sua própria existência, quando ele põe em destaque sua vida individual, em particular sua personalidade<sup>4</sup>” (LEJEUNE, 2003, p. 12), Lejeune propõe que este pacto é possível quando a identidade do autor, narrador e personagem é assumida. Portanto, uma autobiografia não poderia ser anônima.

É importante observar que nem sempre o autor-narrador está colado ao personagem já que, por exemplo, ao se escrever sobre a infância, opera-se necessariamente um distanciamento do sujeito narrado, embora a narração em primeira pessoa pareça aproximar o autor de seu personagem. Dito isto, segundo Lejeune, a narração feita em terceira pessoa não deve ser considerada de forma indireta, posto que, ao contrário daquela realizada em primeira pessoa, não há neste caso a ilusão da unidade do eu, não obstante a sensação de artificialidade que a narrativa em terceira pessoa causa ao leitor.

Segundo Lejeune, um fator que diferencia a autobiografia de outras escritas biográficas seria o *pacto da verdade*<sup>5</sup> (LEJEUNE, 2003, p. 20), no qual a necessidade de verificação do que foi dito é afastada, uma vez que o autor-narrador fala de um personagem que é ele mesmo. No entanto, a relação entre personagem e autor é de semelhança, já que a autobiografia não constitui um reflexo do real. A este respeito, Lejeune procura mostrar que uma autobiografia pressupõe a noção de síntese na qual se operam omissões, seleção de acontecimentos a serem narrados – e muitas vezes superdimensionados – em detrimento de outros que sequer são mencionados. Portanto, os acontecimentos só ganham significação no momento em que são escritos.

Pode parecer estranho para o leitor ver referências constantes a um personagem – Stella, neste caso – principalmente nas passagens em que realiza julgamentos críticos à esposa e ao filho do biografado, sendo que o personagem é a própria autora. Entretanto, parafraseando Lejeune, não há, em momento algum, a ilusão da unidade do eu. Não é possível falar de um efeito de distanciamento que a autora realize ao utilizar a terceira pessoa porque o leitor já sabe que autor e personagem são a mesma pessoa.

Outra característica presente na escrita autobiográfica levantada por Lejeune é a noção de síntese na qual se operam omissões e seleção de acontecimentos. Os

fatos escolhidos pela autora são frequentemente aqueles em que de alguma forma ela se mostrava presente e são também superdimensionados, conforme podemos ver no momento em que ela atribui a piora de saúde do irmão à sua ausência na casa dele. Por outro lado, há dados conhecidos sobre Nelson Rodrigues que permearam tanto sua obra quanto sua vida pública e que são completamente ignorados na biografia de Stella Rodrigues. A paixão de Nelson pelo Fluminense é um desses dados. Poucas, inclusive, são as referências que a autora faz sobre futebol, tema, assim como o Fluminense, de várias crônicas e intervenções de Nelson em programas de televisão.

Não há também qualquer referência no texto à existência da filha Sonia Rodrigues, o que não significa que a autora tenha deixado de se remeter às diversas relações amorosas que o irmão teve, além da esposa Elza. É constante a referência ao primeiro amor de Nelson, Carolina. Esta personagem aparece em várias passagens no decorrer de todo o livro. Fala-se de como se conheceram: “Descera do carro e já atravessava o jardim do colégio, quando deparou com uma mocinha que lhe pareceu de uma beleza estonteante. ‘Que olhos! Chegam a faiscar! Que pele!’ Foi ver Carolina [...] e ser tomado de uma paixão súbita e avassaladora.” (RODRIGUES, 1986, p. 26), de como Nelson pensou nela ao casar-se “Não é justo pensar em Carolina no dia do meu casamento com Elza. Mas é uma coisa superior às minhas forças.” (RODRIGUES, 1986, p. 59). Em diversas passagens sobre os últimos anos de vida do biografado, o reencontro de Nelson com Carolina e a reação dela com sua morte são narrados.

Outras mulheres que passaram pela vida amorosa de Nelson também são mencionadas, inclusive Lucia, com quem ele morou durante algum tempo e com quem teve uma filha, Daniela, mencionada diversas vezes, em especial com referências à sua condição de deficiente visual e física. Sonia, no entanto, não é lembrada pela autora.

Stella Rodrigues faz amplo uso de elementos ficcionais em seu livro; todo o texto é repleto de diálogos e situações que a autora não presenciou e as cenas são narradas com riqueza de detalhes e, muitas vezes, de modo bastante romanceado, conforme vemos, por exemplo, na passagem em que Nelson mente para a esposa que vai para o jornal trabalhar e vai ao reencontro de Carolina:

Carolina surgiu de óculos, com um traje egípcio. – Não gosto de óculos. Pode tirar esses óculos – foi dizendo Nelson. – Agora está linda, minha doce menina. Carolina sorriu, feliz de ser amada e estendeu-lhe as mãos. Lançando um olhar à sala, que lhe pareceu uma jóia de gosto e aconchego, Nelson sentou-se no sofá com Carolina. E então a sede de beijos, dos beijos que tinham para ele o sabor da entrega total, teve a plena satisfação (RODRIGUES, 1986, p. 200).

Além de narrar situações onde há evidências de não ter presenciado, aparentando onipresença, a autora muitas vezes descreve sonhos e pensamentos do biografado de forma a causar a impressão que está dentro de sua mente, de seus

pensamentos. Ao narrar uma passagem em que Nelson Rodrigues se encontrava doente e sozinho em casa, a autora relata: “Lembrou-se de um polonês torturado, de quem dissera: ‘Morreu. Conquistou, enfim, a liberdade.’ ‘Será esse o meu caso? A morte pode ser a libertação. Só Carolina e minhas irmãs não falharam” (RODRIGUES, 1986, p. 234).

Gostos e hábitos do biografado também são registrados ao longo do texto: “Nelson acabara de ouvir vários discos de Vicente Celestino” (RODRIGUES, 1986, p. 193), “As comemorações de aniversário sempre lhe despertavam encantamento de criança” (RODRIGUES, 1986, p. 141). No entanto, é aparente a escolha por tais elementos mais positivos, posto que era público o vício do cigarro que o próprio Nelson Rodrigues explicitava<sup>6</sup> e o único momento em que o hábito de fumar do biografado aparece é quando Stella Rodrigues comenta rapidamente em um capítulo que ajudou o irmão a parar de fumar. Até mesmo as relações extraconjugais mantidas por Nelson Rodrigues são justificadas pela autora sob o argumento de que vivia um inferno em casa com a esposa.

Toda a narrativa se propõe a ressaltar as qualidades e virtudes do biografado. São incluídas citações de diversos contemporâneos de Nelson onde sua figura e sua obra são exaltadas, inclusive por personalidades, como Paulo Francis, que em muitas ocasiões fizera duras críticas ao dramaturgo. No entanto, só são publicadas no livro aquelas em que Nelson é engrandecido. A emulação da própria autora a Nelson é levada ao extremo no final do livro, quando dedica um capítulo inteiro a frases que se iniciam com “Amo” e seguem com nomes de pessoas que elogiavam Nelson, trabalharam para ele ou ajudaram-no de alguma forma. O presidente Médiçi é, inclusive, lembrado: “Amo o Presidente Médiçi porque foi o único presidente que deu valor real à inteligência e aos ideais de Nelson” (RODRIGUES, 1986, p. 265). Neste capítulo, apenas a esposa e um dos filhos de Nelson – precisamente os dois que a autora repudia durante a biografia – não parecem merecedores do seu amor. O sobrinho só é lembrado no capítulo em forma de reprimenda: “Nelsinho Rodrigues, você deve muito ao Presidente Garrastazu Médiçi” (RODRIGUES, 1986, p. 265).

Alguns políticos e acontecimentos que são mencionados na biografia nos permite localizar algumas passagens historicamente, já que os capítulos não são datados, embora a narrativa seja sequencial e aparentemente siga uma ordem cronológica. A biografia não se inicia com o nascimento de Nelson, mas com a vinda da família para o Rio quando Nelson tinha 4 anos. Os capítulos que se seguem dizem respeito a cada membro do núcleo da família Rodrigues. O foco volta-se para Nelson apenas no capítulo XVIII, e a partir dele podemos observar uma sucessão de acontecimentos relativos à vida do biografado desde sua infância, passando pela adolescência, até chegar à vida adulta. A biografia se encerra com relatos sobre a recepção da morte de Nelson por amigos, por Carolina e pela mídia. Desta forma, é possível afirmar que a escrita adotada por Stella Rodrigues cause a impressão de linearidade, como se a vida do biografado fosse unidirecional. Estaríamos diante, portanto, daquilo que Pierre Bourdieu chamou de *ilusão biográfica*.

A esse respeito, Bourdieu procura nos alertar acerca de alguns riscos empreendidos pela biografia. Um deles diz respeito à ilusão da coerência perfeita em uma trajetória de vida, como se a história de um indivíduo fosse um caminho,

um trajeto, um percurso orientado linear, unidirecional. Segundo Bourdieu, falar de história de vida

É aceitar tacitamente a filosofia da história com o sentido de sucessão de eventos históricos, implícita em uma filosofia da história com o sentido de narrativa histórica, em resumo, uma teoria da narrativa, narrativa de historiador ou de romancista, dessa perspectiva indistinguíveis, especialmente a biografia e a autobiografia (BOURDIEU, 2007, p. 74).

Embora seja compreensível aceitar a suposição de que a narrativa biográfica busca atribuir sentido e descobrir uma lógica retrospectiva e prospectiva a fim de estabelecer relações inteligíveis, é importante considerar que trata-se de uma construção artificial. A teoria da narrativa pressupõe que a vida constitui um todo coerente, desenvolvendo-se sequencial e cronologicamente, e produzir uma história de vida deste modo seria, para Bourdieu, “ceder a uma ilusão retórica” (BOURDIEU, 2007, p. 76). Desta forma, o pensador francês postula que “o sujeito e o objeto da biografia (o entrevistador e o entrevistado) têm de certo modo o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência contada” (BOURDIEU, 2007, p. 75).

Entretanto, Bourdieu ressalta que os mecanismos sociais contribuem para a apreensão da experiência da vida como unidade e totalidade; o nome próprio seria a instituição de totalização e unificação do eu mais evidente, visto que, através dele, “institui-se uma identidade social constante e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico”. (BOURDIEU, 2007, p. p 77 – 78). Bourdieu acrescenta ainda que o nome próprio “não pode atestar a identidade da *personalidade*, como individualidade socialmente construída, a não ser ao preço de uma enorme abstração” (BOURDIEU, 2007, p. 79). Mais adiante, o pensador conclui que a história da vida, ou a biografia oficial, se aproximaria do modelo oficial da apresentação de si, tal como vemos na carteira de identidade e no *curriculum vitae* (BOURDIEU, 2007, p. 80).

Não obstante haver na biografia de Stella Rodrigues diversas referências ao espaço público ocupado pelo biografado, a ênfase é dada à sua vida privada. A maior parte dos capítulos gira em torno da relação de Nelson com a esposa, com irmãos e com as namoradas. Nestes capítulos, a autora se refere a ele apenas por Nelson; na esfera pública, ele passa a ser Nelson Rodrigues. Ainda que ele adquira múltiplas identidades no decorrer do texto, ou seja, como Nelson dramaturgo, Nelson escritor, Nelson irmão, Nelson pai, há uma identidade absoluta que impera, que unifica e totaliza o personagem, como aponta Pierre Bourdieu acerca da utilização do nome próprio: Nelson, o grande homem. Toda a narrativa é realizada de modo que os personagens que nela se encontram o vejam assim. Dessa forma, todos os personagens que aparecem no texto existem para revelar a grandeza do biografado, como pode ser visto através do personagem de Ib Teixeira, que aparece na biografia apenas para convencer Nelson Rodrigues a se candidatar à Academia Brasileira de Letras: “Você vai fazer um discurso brilhante, como nunca se fez naquela Academia” (RODRIGUES, 1986, p. 166).



Já aos personagens que de alguma forma não corresponderam à grandeza de Nelson, cabe a rejeição: “O prestígio de Nelson fora decisivo para a libertação de vários presos políticos. [...] Entre os que o repudiaram, distingue-se logo Antônio Callado, com vários corpos de vantagem, como se diria em linguagem dos presos” (RODRIGUES, 1986, p. 95). Pior ainda para aqueles que fizeram, segundo a autora, o biografado sofrer. Com relação à mulher que matou o irmão Roberto, mas foi absolvida, diz:

Nelson não imaginaria que, seis anos depois, seria feita justiça divina [...]. Tendo falsificado documentos para entrar na Faculdade de Direito, a assassina fora condenada e presa. Abandonada pelo amante, de quem tivera um filho, ela suicidara-se na prisão. E o menino foi testemunha do suicídio da mãe, que cortou os pulsos” (RODRIGUES, 1986, p. 42).

A própria autora procura deixar claro que tudo deve girar em torno de Nelson e, por este motivo, sua função na vida era assistir ao irmão: “Sacrifico o meu bem-estar pessoal para dar assistência a Nelson. Ele precisa de vigilância constante e está vivo porque tem sido tratado com todo o zelo” (RODRIGUES, 1986, p. 207).

A glorificação do personagem Nelson Rodrigues é, ao final da biografia, referendada por vários ensaios e artigos escritos por intelectuais por época da morte dele ou alguns anos após. São, dentre outros, textos de Sabato Magaldi, Eduardo Mascarenhas, Rachel de Queiroz e Helio Pellegrino. Outros textos com conteúdo semelhante, mas escritos quando Nelson ainda estava vivo, são também inseridos ao longo da biografia. Vemos também vários textos escritos pelo próprio Nelson em alguns capítulos e todos se iniciam com frases dele. Algumas frases se relacionam com o que é narrado, como no capítulo que inicia com a frase “Nem todas as mulheres gostam de apanhar. Só as normais. As neuróticas reagem” (RODRIGUES, 1986, p. 143) e serve para desconstruir esta imagem machista que porventura tenha sido feita de Nelson por causa da assertiva. Algumas outras não têm qualquer relação com o que é dito, vide o capítulo LVII, sobre o convite de Nelson para a irmã Helena ser sua secretária executiva, mas cuja frase que o abre é “Eu sou um ideólogo do Brasil, e não de Cuba, União Soviética e China. Eu quero ser livre. E prefiro a liberdade ao pão” (RODRIGUES, 1986, p. 133).

## Amor em segredo

Em **Amor em segredo: as histórias infiéis que aprendi com meu pai**, *Nelson Rodrigues* pode ser visto como um misto de memórias e reflexões de Sonia Rodrigues realizados através de uma escrita geralmente retrospectiva sobre sua vida. Os textos são organizados em quatro partes, mas a própria autora, em nota que precede o sumário, assinala que prefere não dar pistas sobre o porquê da organização do livro e já assume seu caráter, em boa parte, autobiográfico.

Há textos que remetem ao passado da autora, quando era criança, adolescente, ou jovem adulta. Outros, no entanto, são presentificados, como se os

acontecimentos ou pensamentos fossem simultâneos à escrita. Ademais, é constante, no livro, as idas e vindas no tempo, indício de que a autora não se prende à organização sequencial de acontecimentos. Não havendo ordem cronológica, não há linearidade da escrita, rompendo com um dos elementos que Pierre Bourdieu acreditava que contribuía para a *ilusão biográfica*.

As memórias e reflexões da autora surgem nos textos como uma colagem, sem que um capítulo leve necessariamente a outro, dissipando também a ilusão de um todo coerente. Além disso, a autora não parece querer esboçar no seu livro a trajetória de sua vida. Não se trata, portanto, somente de uma autobiografia; o que menos importa no livro é narrar episódios relativos a seu próprio personagem. O que afigura-se como mais essencial é como a autora refletiu acerca desses acontecimentos e o que eles representaram na sua vida.

Tais acontecimentos são, em sua boa parte, relacionados à figura do pai, Nelson Rodrigues. O primeiro texto já remete ao subtítulo do livro, **as histórias infiéis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues**, uma vez que a autora afirma:

Meu pai, Nelson Rodrigues, dizia que a fidelidade por obrigação é uma virtude vil [...]. A primeira infidelidade que cometi na vida foi contra ele. Batalhei também com minhas tias, irmãs dele, para que fossem infiéis à sua memória, desmascarando as histórias falsas, fazendo comigo um exame de DNA. E dei entrevistas à imprensa sobre meu direito a tê-lo como pai e, mais infiel ainda, conto o tempo todo as nossas histórias (RODRIGUES, 2005, p. 15).

Percebemos também nesta passagem que trata-se de uma filha que Nelson teve fora de seu casamento e que não reconheceu. A paternidade só foi garantida na justiça anos depois da morte de Nelson. Este dado é assumido pela própria autora como tendo marcado bastante sua vida:

Negar meu pai era compactuar com o que pessoas limitadas pensavam a respeito do amor deles. Nelson Rodrigues era casado, Nelson Rodrigues vivia em outra casa, Nelson Rodrigues não assumia aquela paixão, donde Nelson Rodrigues não amava minha mãe e, por tabela, não me amava. Essa lógica formal encontro ainda hoje (RODRIGUES, 2005, p. 17).

As referências ao pai não aparecem em todos os textos; algumas vezes só é mencionada sua ausência. Na segunda parte, por exemplo, não há qualquer referência a ele. No entanto, há várias passagens nas três outras partes que integram o livro em que a autora destaca características próprias que acredita terem sido herdadas do pai: “Medrosa como o pai, carente como o pai” (RODRIGUES, 2005, p. 35). Mas ela demonstra não querer fazer de si uma cópia do pai e, se em determinados momentos, podemos perceber um olhar admirado para ele, como, por exemplo, ao dizer que “... uma qualidade de meu pai, hoje, é decisiva para mim. Nada, ninguém se interpunha entre o corpo dele e o prazer, a mente dele e sua obra”

(RODRIGUES, 2005, p. 48). No entanto, em outros momentos, vemos uma reflexão mais crítica: “Muitas vezes me espanta quanto as pessoas dizem admirar, hoje, a obra do meu pai, Nelson Rodrigues. Eu sei que elas estão mentindo a si mesmas...” (RODRIGUES, 2005, p. 133).

Por muitas vezes Sonia Rodrigues procura entender o pai através de sua obra: “Outra pista para encontrar atenuantes para meu pai foi ler e reler Herculano e Geni, de *Toda nudez será castigada*, uma obra-prima da mistura de um homem covarde com uma mulher apaixonada e louca” (RODRIGUES, 2005, p. 68). Contudo, emite um outro ponto de vista mais adiante: “O que um escritor escreve não é, necessariamente, o que vive [...] Escreve-se o que se imagina que pessoas imaginadas possam viver” (RODRIGUES, 2005, p. 98). Há também ocasiões em que a autora procura entender a si mesma, através do pai: “Meu pai não era relutante, sovina, só era covarde. Deve ser por isso que a covardia masculina me incomoda tanto” (RODRIGUES, 2005, p. 157).

Ao olhar para a relação que o pai tinha com a mãe, Sonia Rodrigues também apresenta sentimentos contraditórios. Ora afirma “Sou filha de um grande amor” (RODRIGUES, 2005, p. 54), ora desabafa:

Eu sou filha de um homem casado, apaixonado e que não queria errar o tanto que o pai dele errou, não queria fazer os filhos sofrerem como o pai dele fez. Sou filha de uma mulher que esperou, sem paciência, mas esperou, que seu homem se descomplicasse. Missão impossível, tratando-se de meu pai. Deu no que deu, os filhos sofreram muito mais e os erros acabaram sendo maiores (RODRIGUES, 2005, p. 94).

Por outro lado, a autora mostra que sua filiação também trouxe aprendizados positivos com amigos. Ao ser acolhida por comunistas em 1972, reflete: “Jogar a corda para a filha à deriva do reacionário Nelson Rodrigues, usar a corda da solidariedade vermelha para adotar essa filha por algum tempo...” (RODRIGUES, 2005, p. 44).

É curioso notar que a autora se refere ao pai tanto como pai mesmo, como pelo nome que ficou conhecido publicamente, Nelson Rodrigues. Ao identificá-lo como pai, a escrita dá a impressão de aproximação dos dois, mas ao chamá-lo de Nelson Rodrigues, um distanciamento pode ser percebido.

**Amor em segredo: as histórias infiéis que aprendi com meu pai,** *Nelson Rodrigues* também pode ser lido como exemplo do conceito de *pacto autobiográfico* cunhado por Philippe Lejeune. A identidade da autora e de seu personagem está sempre explícita nos textos. Ademais, ela mesma assume a escrita em primeira pessoa e aponta para frases e pensamentos que não são seus: “Atenção, as frases que acabei de digitar não são minhas, são de meu pai. Como ele, procuro usar a primeira pessoa, sempre falo do meu lugar” (RODRIGUES, 2005, p. 102). Deste modo, pode-se inferir que a autora não tem nenhum intuito de provocar no leitor uma sensação de que o personagem é diferente daquele que escreve. Portanto, fica evidente também o que Lejeune chamou de *pacto da verdade*, uma vez que como

quem fala do personagem é claramente o próprio autor-narrador, fica descartada a necessidade de verificação do que foi dito.

Outro elemento, sugerido por Lejeune, que permeia a escrita autobiográfica, a noção de síntese obtida através de omissões e seleção de acontecimentos, é evidenciado no livro, já que ele constitui recortes da vida da autora. Mas isso não significa que a narrativa seja unívoca, ou que haja uma preocupação da escritora em mostrar sempre causa e efeito.

Sonia Rodrigues também não escreve de modo a sugerir verdades absolutas. Ao comentar as várias e notórias frases que o pai proferia, fica claro que se trata de uma visão particular: “Aquela história do meu pai de que a verdadeira apoteose é a vaia é, na minha opinião, pura mentira para disfarçar a tristeza frente à incompreensão” (RODRIGUES, 2005, p. 147). A própria decisão de escrever é justificada de maneira bem pessoal: “... escrever se tornou para mim um antídoto, um remédio. Quem canta seus males espanta, diziam as espanholas de minha família. Quem escreve também” (RODRIGUES, 2005, p. 51).

Há momentos, contudo, em que o exercício da escrita do livro em questão aparece como uma tentativa da autora de conjurar os fantasmas que a complexa relação com o pai lhe trouxe: “Não consigo escrever sobre nenhum desses temas porque estou com medo. Medo de desistir de aceitar a herança paterna, sabendo que preciso ir além dela”. (RODRIGUES, 2005, p. 181). Mas, ao pensar retrospectivamente sobre conflitos vividos, principalmente em decorrência da relação com o pai, Sonia Rodrigues encontra o alívio: “Quando a gente sobrevive, as recordações ficam mais divertidas” (RODRIGUES, 2005, p. 41).

Pode-se inferir, portanto, que o título **Amor em segredo**, inicialmente sugestivo da relação da mãe da autora com o pai, por este nunca ter assumido publicamente o relacionamento, vale também para o sentimento que a própria Sonia Rodrigues nutre pe a memória do pai, já que é um amor que não pode sempre ser revelado.

### Considerações finais

Nelson Rodrigues foi o maior dramaturgo brasileiro. Nelson Rodrigues: frasista genial. Grande cronista. Essas considerações a respeito de Nelson Rodrigues já se tornaram lugar comum na cultura brasileira. Apesar de seu notório talento para as letras, o livro de Sonia Rodrigues, **Amor em segredo**, contribui para uma outra dimensão a respeito de Nelson. Sua intenção não é mostrar o talento do pai escritor revelado na esfera pública, mas refletir sobre como a vida privada dele refletiu na sua própria. Em um extremo oposto encontra-se **Nelson Rodrigues, meu irmão**. Nesta biografia, fica sempre clara a intenção de Stella Rodrigues de jogar luz sobre o irmão famoso e sobre sua importância na vida dele.

Os títulos dos dois livros acenam em direção às propostas das autoras. Com **Amor em segredo: as histórias infieis que aprendi com meu pai** Sonia Rodrigues assume o lugar que fala. Escreve em primeira pessoa para mostrar de antemão que os textos que se seguem dizem respeito a uma perspectiva estritamente individual. Já com *Nelson Rodrigues, meu irmão* Stella Rodrigues antecipa para o leitor algo que

se tornará mais evidente durante a leitura, ou seja, a biografia não enfoca apenas o personagem de Nelson Rodrigues, mas também na sua relação com a irmã. Por se tratar de uma pessoa tão próxima do biografado, não é de se esperar que Stella Rodrigues não remeta a si. No entanto, ao narrar o personagem e seus sentimentos em terceira pessoa, a possível intenção de distanciamento se transforma em estranhamento e artificialidade.

Enquanto Stella Rodrigues unifica a figura de Nelson como grande homem em tudo que fez, subjaz na leitura do livro de Sonia Rodrigues a ideia de que todos temos nossas idiossincrasias, virtudes e defeitos; não somos uma coisa só, o que representamos para uns pode não ser para outros. Ou podemos ser várias coisas ao mesmo tempo para a mesma pessoa. Após uma aparente dolorosa reflexão acerca da relação com o pai, Sonia Rodrigues consegue mostrar o que de bom e o que de ruim aconteceu em sua vida por ser filha de Nelson Rodrigues. Desta forma, a estrutura do livro, a organização dos textos, também é coerente com o seu conteúdo, ou seja, não é organizado de forma linear de maneira que possamos ver ordem onde ela não existe.

Já na biografia de Stella Rodrigues, a reflexão remete a uma única direção: todo o sacrifício em prol do irmão. As dores de Stella Rodrigues têm nome: Elza e Nelsinho, cunhada e sobrinho. Ela, a vítima. A vida, tanto de Nelson Rodrigues, quanto a de sua irmã Stella, são narradas cronologicamente de forma que a biografia seja estruturada como um todo coerente.

Após análise dos dois livros, é possível afirmar que a retórica de Stella Rodrigues é a da tentativa de convencimento, exercitando uma escrita que propõe uma única e absoluta verdade. Por outro lado, Sonia Rodrigues procura refletir; escrever para ela é uma maneira de exorcizar seus demônios. Tais demônios muitas vezes refletem a figura do pai, mas, paradoxalmente, em outros momentos, o pai lhe surge pleno de grandeza. As memórias de Sonia Rodrigues estão repletas de sentimentos e personagens contraditórios, o que representa a vida mais plenamente do que aquele ser único que o personagem de Nelson se mostra na biografia escrita pela irmã.

Embora seja natural esperar de uma biografia de Nelson Rodrigues vastas referências à sua inserção no espaço público, como fizera Victor Hugo Adler Pereira em **A musa carrancuda**, não é possível ter este tipo de expectativa quando se trata de escrita biográfica realizada por familiares. Portanto, nos dois livros, a vida privada de Nelson Rodrigues se sobressai. Quando o contexto social ou político em que vivia vem à tona, é porque algo a respeito de sua persona será relacionado. Portanto, não se trata, em nenhum dos dois casos, de livros a serem compreendidos em uma perspectiva histórica. Ademais, como não há indicações de fontes, a não ser quando textos do próprio Nelson ou de outros autores são inseridos, não se pode falar também de um trabalho de investigação.

Por que, então, biografar?

Sonia Rodrigues não procura uma verdade. Ela mesma assume que escreve numa tentativa de conhecer melhor a si. Ela não quer contar sua trajetória de vida, tampouco a do pai. Por outro lado, Stella Rodrigues escreve para enaltecer o irmão

e a sua própria participação na vida dele. A trajetória dos dois, por conseguinte, é paralela. Onde há um, tem-se a impressão que o outro está sempre presente.

Maria Helena Werneck, em *O Homem Encadernado*, estudo sobre escritas biográficas de Machado de Assis, mostra sua visão acerca do desejo de um escritor em escrever biografias, o que ilustra bem as duas autoras estudadas neste trabalho:

Quando não é mais possível compartilhar a vida do gênio, instala-se para as gerações seguintes uma espécie de dívida que é preciso saldar através da reconstituição biográfica. Assim, através do empreendimento da escrita biográfica, cria-se um vulto, nos dois sentidos da palavra: uma imagem, que não cessa de se expandir pelo esforço dos que querem torná-la visível aos olhos públicos, e uma alteridade fantasmática, capaz de influir na criação de uma nova identidade – a de quem escreve porque não pode viver o que o outro viveu (WERNECK, 1996, p. 44 – 45).

Procede, então, a ideia do biógrafo como arrombador profissional, imagem trazida por Werneck a partir de Janet Malcom: a princípio, o biógrafo poderia ser comparado a um arrombador profissional que invade e rouba uma casa (MALCOM apud WERNECK, 1997, p. 182). A natureza transgressora da biografia é observada nos dois livros analisados: segredos e ódios são revelados. Outras vidas ficam expostas.

## Notas

1 Helena Maria foi, segundo Stella Rodrigues, “um caso [...] com quem viveu cerca de um ano” (RODRIGUES, 1986, p. 88).

2 “Pacte autobiographique” (tradução nossa). Lejeune afirma que a ideia de “pacto” remete ao estatuto jurídico de contrato, mas também pode ser pensado na perspectiva de uma aliança mística ou sobrenatural, ou seja, através da ideia de “pacto com o Diabo” (LEJEUNE, 2003, p. 13).

3 “suppose une intention de communication, immédiate ou différée” (tradução nossa).

4 “lê récit rétrospectif en prose que quelqu’un fait de sa propre existence, quand il met l’accent principal sur sa vie individuelle, en particulier de sa personnalité” (tradução nossa).

5 “Pacte de verité” (tradução nossa).

6 “Gosto de cigarro que me queime a garganta. O fumo suave não passa de ópio de Gafieira” (RODRIGUES, 1997, p. 44).

---

## Referências

---

ARMONY, Adriana. **A Fome de Nelson**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: \_\_\_\_\_. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 2007.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique, 25 ans après. In: CARDOSO, Marília R.; COCO, Pina (org.) **Perspectivas (auto)biográficas nos Estudos de Literatura. Revista Palavra**, Rio de Janeiro, n. 10, Editora Trarepa. p. 11 – 23, 2003.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. **A Musa Carrancuda**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RODRIGUES, Nelson. **Flor de Obsessão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Profeta Tricolor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, Sonia. **Amor em segredo: as histórias infiéis que aprendi com meu pai, Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

RODRIGUES, Stella. **Nelson Rodrigues, meu irmão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

VOGT, Carlos; WALDMAN, Berta. **Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

WERNECK, Maria Helena. ' Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

---

**Para citar este artigo**

---

BARCELOS, C. M. A vida como ela é pelo olhar do outro: um estudo da escrita biográfica sobre Nelson Rodrigues por seus familiares. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 193-208.

---

**A Autora**

---

**Carolina Montebelo Barcelos** tem Graduação em Artes Cênicas com habilitação em Teoria do Teatro na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) em 2004. Pós-graduação lato sensu em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo na CCE/PUC — Rio entre 2007 e 2008. Mestre em Letras (Estudos de Literatura Brasileira), pela PUC —Rio, em 2012 e Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pela PUC-Rio, em 2016. Entre agosto de 2015 e fevereiro de 2016 realizou estágio de Doutorado no departamento de Theatre Arts and Performance Studies da Brown University com Bolsa Sanduíche da CAPES. Atua como professora e pesquisadora de teatro. Áreas de pesquisa: teatro brasileiro, literatura brasileira, literatura comparada, teatro contemporâneo e performance.